

FACULDADE INTERNACIONAL DE TEOLOGIA REFORMADA

Rev. Arnon Barcellos Louzada

Mimoso do Sul – ES, 10 de maio de 2022

Mestrado em Divindade – FITRef | Prática de Pregação I – Rev. Breno L. Macedo

Aula 18: Como preparar sermões em cartas paulinas 2/2 | Exercícios

1. ESTUDE O TEXTO (GI 1.1-5) E PENSE EM POSSÍVEIS MODIFICAÇÕES PARA:

- PROPOSIÇÃO PRINCIPAL E PONTOS PRINCIPAIS

O evangelho é a mensagem da graça de Deus em Cristo que deve ser recebida.

- I. O evangelho deve ser recebido *por ser uma mensagem autorizada* – v.1,2
 - A. O mensageiro é comissionado por Deus e Cristo – v.1,2
 - B. A mensagem provém de Deus e Cristo – v.1,2
- II. O evangelho deve ser recebido *por ser uma mensagem histórica* – v.1b, 3b-4
 - A. A mensagem nos conta o que Jesus fez em sua morte – v.3b, 4
 - B. A mensagem nos conta o que Deus fez em relação à morte de Jesus – v.1b, 4b
- III. O evangelho deve ser recebido *por ser uma mensagem transformadora* – v.3,5
 - A. A mensagem traz graça e paz – v.3
 - B. A mensagem produz adoração – v.5

Obs.: Utilizei-me de “*deve ser recebida*” porque o texto é para a igreja que estava tendo dificuldades de *receber* o evangelho do jeito que ele é. Mas, tenho dúvidas se minha proposição de fato resume o texto, seu ensino e teologia. Sinto que falta alguma coisa, ou é como se tivesse “errado o alvo” por questão de *centímetros ou milímetros*.

- INTRODUÇÃO E CONCLUSÃO

Introdução:

Pense em momentos importantes, como dia dos namorados, aniversário de casamento ou de um filho, ou o seu próprio. *De quem você espera receber o melhor presente? Da pessoa mais rica, não é? Mas, de quem você espera receber o presente de maior impacto ao coração? Da pessoa que você sabe que mais lhe ama, certo? Pode ser seus pais, seu marido, esposa ou namorado. Esta relação sobre quem entrega o presente o modo como recebemos é importante, porque mostra que recebemos de maneiras diferentes, presentes diferentes, conforme quem entrega o presente. O modo como recebemos, em um aniversário, por exemplo, o presente da pessoa mais rica é diferente do modo como recebemos o presente da pessoa que mais nos ama. As sensações são diferentes.*

Quando recebemos o presente da pessoa que mais amamos, temos sensações ligadas à confiança, segurança, amor e realização. Quer dizer, nos sentimos bem, não apenas pelo presente, mas por causa de quem o deu.

Esta relação é semelhante com o evangelho. O evangelho é sobre o que Deus, em Cristo, fez por nós na história, e isto qualifica esta mensagem a ser recebida, na verdade nos obriga a recebê-la, assim como somos “obrigados pelo amor” a receber o presente daquele que nos ama. O texto ensina que: *O evangelho é a mensagem da graça de Deus em Cristo que deve ser recebida.*

Conclusão:

E assim, o amor de alguém por nós nos move a receber seu presente, do jeito que ele é, a qualidade do presente está intimamente ligada àquele que o deu, e, assim, sendo o evangelho a mensagem da graça de Deus em Cristo, então o doador é infinitamente amoroso e a sua mensagem, a graça materializada em Cristo, é um presente de custo incalculável, e, por isso, deve ser recebida, não como uma obrigação terrível, como um remédio terrível, mas como uma graça maravilhosa, como quem recebe uma pérola de grande valor.

2. ANÁLISE DO SERMÃO: BOAS NOVAS DA PARTE DE DEUS, Matheus Inácio

- QUESTÕES ESTRUTURAIS:

A. Introdução

- Explicação sobre a função das cartas;
- O tom engraçado e as piadas, levam o público ao pregador;
- A introdução não se refere, necessariamente, ao sermão, mas à série, então quanto a isto foi muito criativo;

B. Proposição

- Fomos libertos do poder das trevas por meio do pagamento de morte do nosso Senhor Jesus Cristo, isto foi feito por você;

C. Pontos Principais

1. Deus se dirige a nós para se revelar;
2. Deus se entrega por nós para se libertar;
3. Deus se glorifica em nós para nos abençoar;

D. Conclusão

- Relação com a carta do amor e que nos confronta;
- Preparação para os próximos sermões;
- Confronto ao orgulho, chamado à humildade;

Obs.:

Ele não citou os tópicos, de forma clara. Como eu conheço o texto, sabia onde ele estava, mas imagino que quem não o conheça, ficaria um tanto perdido no texto, caso estivesse prestando atenção mais no texto do que no pregador.

Sua *proposição* não me pareceu tão condizente com o texto, mas os pontos sim. Entretanto, tais pontos não parecem responder à proposição de modo coerente e harmônico.

- QUESTÕES CONTEXTUAIS:

A. Utilizou análise histórica? Como?

- Na introdução ao primeiro ponto, ele apresentou a data e a possibilidade de a carta ter sido escrita antes do Concílio de Jerusalém;
- Explicação sobre “igrejas da Galácia” – duas opções, e escreveu de Antioquia;
- Citou a 1ª viagem missionária (At 13 – 14);

B. Utilizou análise literária? Como?

- Apresentou as defesas do livro utilizando-se de personagens históricos e a importância que desta carta na Reforma;
- Explicou o sentido de “apóstolo”, e o histórico de Paulo, como aquele que perseguia os cristãos;
- Fiquei com a sensação de que ele entendeu que Saulo era o nome antigo de Paulo, tipo seu nome foi mudado na conversão. O que não é verdade.

C. Utilizou análise teológica? Como?

- Falou sobre a exclusividade do evangelho em relação ao apostolado de Paulo, e o fato dele ter sido enviado por Jesus;
- Questões ligadas à salvação – *ele veio salvar por completo*.
- A grande doutrina do evangelho é a *doutrina da substituição*, neste ponto ele foi bem claro e ilustrativo;
- Explicação sobre a *vontade de Deus*;
- Explicação sobre a “graça e a paz”;

D. Faltou utilizar-se melhor de alguma análise para explicar o texto?

- *Análise histórico-literária:* Segundo alguns, há relação entre “graça e paz” com os ouvintes, gentios e judeus, não é só uma questão teológica, na verdade é utilização de termos sensíveis aos ouvintes com bagagem teológica, para gerar impacto;
- *Análise literária:* faltou traçar uma relação melhor com o texto seguinte (1.6-9), e a citação de alguns versos na carta, especialmente **2.16**.

RESUMO

GOLDSWORTHY, Graeme. **Pregando toda a bíblia como escritura cristã: a aplicação da teologia bíblica à pregação expositiva.** Tradução: Francisco Wellington Ferreira. São José dos Campos, SP: Editora Fiel, 2013.

O autor inicia o capítulo dando um panorama acerca de *atos* e as *epístolas* no contexto bíblico teológico. Suas primeiras palavras envolvem situar a expectativa judaica do dia do Senhor, que é muito materialista, em relação às explicações da maioria dos comentaristas sobre o modo como a profecia era percebida por seus receptores, a saber sem a correta percepção entre a distância de um evento e outro. Isto nos ajuda a perceber o evento Cristo e sua relação com o Antigo Testamento. Uma segunda consideração, neste panorama, é a diferença entre nós e os primeiros cristãos, como Paulo. Existe a era apostólica e a formação de um cânon. Da mesma forma, a transição de uma era para uma nova era, e isto carrega consigo elementos de continuidade e descontinuidade. Nesta transição o entendimento do Reino e da obra do Espírito tornam-se centrais, e precisam ser entendidos à luz da morte e da ressurreição de Jesus. O Pentecostes, por exemplo, precisa ser entendido dentro de seu contexto mais amplo, para a melhor compreensão do sentido de “não ter o Espírito” antes do Pentecostes e a própria natureza da transição histórica que cria “pequenos pentecostes” narrados em Atos.

Outra questão, presente no próprio livro de Atos, é a presença de *Sinais e Maravilhas*. Estes acompanharam momentos específicos da história – Moisés, Elias e Eliseu e Jesus e os Apóstolos. Esta relação mostra que não era tão constante sua presença, antes marcadores de momentos importantes, por isso ele explica que “uma abordagem bíblico-teológica nos tornará cautelosos quanto a tentarmos abolir milagres do cenário contemporâneo e a afirmarmos sua normatização na vida de uma congregação. Eu teria de dizer que sermos reservados quanto a milagres, enquanto saímos proclamando o evangelho, é melhor do que fazer dos milagres o evangelho” (p.359).

Soma-se a este aspecto, a precisa percepção do evento histórico e sua implicação escatológica e a boa relação entre a obra do Espírito Santo em nós e a obra de Cristo por nós.

A partir deste panorama, o autor elenca *cinco tópicos*. (1) *A ascensão e a missão mundial (At 1)*. Aqui o autor explica que o reino de Deus vem pela pregação do Evangelho para judeus e gentios, que participam juntos desta bênção. Este tópico leva a consideração da *ascensão* que alimenta o tópico do “já” e “ainda não”. (2) *O Pentecostes na teologia bíblica (At 2)*. O autor começa com um resumo das atividades do Espírito, e mostra que sua ênfase no AT é na ação por meio de pessoas, e que, agora, ele está presente unido à palavra – “A presença do Espírito no mundo é definida pela presença da Palavra de Deus. No Pentecostes, o Espírito é recebido em relação com o evangelho consumado e como o agente, no mundo, do Cristo ressurreto e elevado ao céu” (p.363). Seu papel é ser o agente da obra salvífica, ele está presente na revelação do Evangelho e na capacitação dos crentes. (3) *Cornélio e os gentios (At 10)*. O autor explica que os crentes ainda tinham certas dificuldades em compreender as implicações do evangelho para os gentios e a lição que Pedro aprende em Atos 10 nos ajuda a compreender os esforços de Paulo nas missões – “A inclusão dos gentios forçou uma reavaliação da maneira como a lei funcionaria na igreja” (p.365). (4) *O evangelho e o comportamento cristão (1Co 6)*. Neste ponto, o autor nos lembra que a piedade é firmada no evangelho, e não na lei. (5) *O homem do pecado (2Ts 2.1-12)*. Esta uma passagem de difícil interpretação, mas parece-nos que Paulo estava falando deste *homem do pecado* como João do *anticristo*. Existe uma série de informações sobre as últimas coisas no NT que geram uma expectativa correta sobre o futuro.

Após estes tópicos, o autor fala algumas coisas sobre *considerações históricas e literárias*. A primeira é que precisamos entender que as epístolas foram escritas para

situações históricas específicas, mas todas elas têm consigo uma autoridade que as tornam atuais. Da mesma forma, as características literárias devem receber grande atenção. O autor cita *Scott Hafemann*, que apresenta cinco características das epístolas que afetam a exposição: teologia, a natureza da ocasião, a estrutura da discussão, o pensamento central e as exortações no imperativo.

Por fim, temos o último tópico – *planejando sermões sobre atos e as epístolas*. Aqui somos lembrados que “Nosso dever é proclamar a Cristo e ele crucificado” (p.369).